

CORREIO ECONÔMICO

Divulgação site Parceiro da Construção



Indústria e Construção em franca expansão este ano

Investimentos industriais já totalizam R\$ 825,8 bilhões

Um montante de R\$ 825,8 bilhões. É esse o total de investimentos que deverá ser aportado para a indústria de transformação e a construção civil, conforme previsão feita pelo grupo Coalizão Indústria, formado por 14 entidades de setores produtivos diversos, da indústria e brinquedos à siderurgia e montadoras de carros.

A maior parcela desse total (R\$ 200 bilhões) se

destinará à construção civil, seguida pelas indústrias de alimentos (R\$ 150 bilhões), máquinas e equipamentos (R\$ 87,3 bilhões) e produtos plásticos (R\$ 83 bilhões).

Os três eixos da agenda: retomada do crescimento sustentado; recuperação da competitividade sistêmica, com redução do Custo Brasil em R\$ 1,7 trilhão; e transição energética/des-carbonização.

Protesto

Em confronto com a gestão do atual presidente do IBGE, Marcio Pochmann, servidores da instituição realizaram, nessa quinta-feira (26), em frente à sede do órgão, no centro do Rio de Janeiro, em que denunciam o caráter "autoritário" da atual gestão do instituto.

Eficácia

Pelos cálculos dos manifestantes, 49,4% dos trabalhadores do instituto atuam presencialmente, 30,9% estão no regime híbrido, e os demais 19,7% permanecem em trabalho apenas remoto, porém, a entrega de resultados do corpo técnico tem sido 100% eficaz.

Divulgação Corretora de Seguros Gêneseis



Avanço da economia garante alta de 11,8% do setor

CNseg revisa, 'para cima', expansão dos seguros

Após revisão, a CNseg (Confederação Nacional das Seguradoras) revisou, nessa quarta-feira (25) para cima a projeção de crescimento do setor para este ano, que agora subiu de 11,5%, em junho, para 11,8% agora. Tal projeção considera o todo o setor, mas exclui segmentos de saúde e DPVAT. A CNseg atualizou, de

2,5%, em novembro de 2023, para 3%, em agosto deste ano, a expectativa de crescimento do PIB. Já a inflação, segundo a entidade, chegará a 4,11% e a Selic, em 11,75% ao ano. Segundo o presidente da entidade, Dyogo Oliveira, "o cenário macroeconômico ascendente exerce impacto direto no crescimento do setor".

Frustração

Uma das frustrações da revisão foi o segmento de seguro rural, que 'despencou de 7,9% para 1%. O dirigente lembra que o ano começou com projeção de crescimento elevada que tinha a ver com subvenção do seguro rural pelo governo federal.

A 'cabeça'

Em tempo de temperaturas nas alturas e ânimos exacerbados, outra categoria que pede a 'cabeça' do chefe da empresa é a associação dos empregados da Eletrobras (AEEL), que entrou com uma ação civil pública na CVM por supostas fraudes contábeis no IRB.

Frustração II

Também atingido negativamente pela revisão, o segmento de seguro de automóveis 'tombou' de 16% e agora está em 2,7%, em razão de 'movimentos de mercado' e uma 'composição maior' de veículos elétricos, queda de preço do automóvel e do próprio seguro.

Suspensão

O alvo da ação supradita é o atual presidente da Eletrobras, Ivan Monteiro, que teria omitido informações relevantes, que deveriam se tornar públicas, relacionadas a investigações envolvendo seu nome em negócios havidos quando era presidente do IRB Brasil (IRBR3).

Economia forte nada influi para reduzir incerteza fiscal

Petardo realista é da agência Fitch, que prevê alta explosiva da dívida

Marcello Casal Jr. - Agência Brasil

Por Marcello Sigwalt

Economia em franco crescimento nada contribui para reduzir a incerteza fiscal do país. Antes de partir de algum líder de oposição, às vésperas de uma eleição municipal plebiscitária, a crítica foi disparada, nessa quinta-feira (26), pela Fitch Ratings, uma das principais agências de classificação de risco do planeta, sob o argumento de que a política fiscal tupiniquim e seus efeitos 'não estão acompanhando o forte desempenho da economia nacional, já prevendo que os desafios do Planalto em relação à matéria vão persistir e 'só tendem' a crescer, para o próximo ano", acrescentando que "um descompasso entre a política fiscal e o crescimento do PIB podem afetar a classificação de risco do país, atualmente em "BB".

Para a agência, as tentativas da área econômica de impulsionar receitas – sobretudo, o uso de dividendos do BNDES e do dinheiro esquecido em bancos – têm se mostrado instáveis,



Miopia da gestão fiscal petista tende a agravar desafios e a elevar risco-país

pois 'se apoiam' em 'fontes extraordinárias'.

Em nota, a Fitch diz, ainda: "As principais medidas de receitas são transitórias ou têm benefícios incertos", além de improvisadas, demonstram um compromisso com as metas fiscais, mas não oferecem melhorias estruturais".

Pelo lado da despesa, a situação não é melhor, pois a agência aponta o crescimento notável de gastos previdenciários acima do previsto, que obrigou a aplicação de cortes nas despesas discricionárias, como um dos principais desafios para alcançar as metas fiscais dos próximos anos.

Em relação à dívida/PB, a agência prevê que esta crescerá de forma 'explosiva' no médio prazo, passando de 74,4% do PIB em 2023 para 77,8% em 2024 e 83,9% até 2026, "números acima do esperado anteriormente, e que devem distanciar o Brasil da mediana da categoria "BB" de 55%".

Fim do PPI pelo PT encarece a gasolina

Será que bom para o país, ou para os gringos, o abandono do regime de Preço Paridade Internacional (PPI) – como referencial para os reajustes dos combustíveis no país – derrubado pelo também derrubado, então presidente da Petrobras, Jean Paulo Prates, em maio de 2023?

A resposta do Tempo, o Senhor da Razão, foi inequívoca, face ao estudo divulgado, nessa quinta-feira (26) pela Abicom

(Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis), segundo o qual o litro da gasolina no mercado interno está, em média R\$ 0,11 mais caro que no exterior, uma diferença de 4%, mas ninguém do governo petista até agora reclamou, por que será?

De acordo a Abicom, "os preços médios da Gasolina A operam acima ou na paridade em todos os polos analisados", acrescentando que "o mercado

internacional e o câmbio pressionam os preços domésticos". Se considerado o PPI, a redução seria de R\$ 0,51 por litro, desde o último reajuste de preços aplicado pela petroleira.

Já o preço do diesel está, em média, igualmente 4% mais caro internamente do que no Golfo do México, região que serve como referência para comercialização desses combustíveis pelos importadores brasileiros. Levando em conta tal

diferença, o preço do litro do diesel mexicano está R\$ 0,13 aquém do nacional.

Nos cinco polos da Petrobras, a gasolina estava, em média, 4% acima do preço internacional.

"Com a estabilidade no câmbio e a ligeira redução nos preços de referência da gasolina e do óleo diesel no mercado internacional, o cenário médio de preços está acima da paridade", concluiu a Abicom.

Gás boliviano será destinado ao Brasil

Divulgação site BNamericas



Bolívia volta a ter relevância energética para o país

O gás boliviano anteriormente enviado para a Argentina será redirecionado para o Brasil, informou a petrolífera boliviana YPFB em um comunicado nesta quinta-feira (26).

O desenvolvimento da formação de xisto de Vaca Muerta na Argentina, a segunda maior reserva de gás não convencional do mundo e a quarta maior reserva de petróleo, fez com que a importação de gás da Bolívia fosse reduzida a zero.

"Para nós, isso não é um problema de forma alguma, porque esse gás tem um mercado garantido no Brasil, um país faminto por energia", disse Oscar Claros Dulón, gerente de contratos de exportação de gás natural da YPFB, no comunicado.

O fornecimento da Bolívia para a Argentina caiu para apenas dois milhões de metros cúbicos por dia, uma fração do consumo argentino de 130

milhões de metros cúbicos por dia, disseram executivos de produtores com operações nos dois países no início deste ano.

Papel relevante – A Bolívia tem desempenhado um papel de destaque entre os fornecedores de energia para o Brasil desde a construção do Gasoduto Brasil-Bolívia (Gasbol)

pela Petrobras em 1997 e a assinatura do contrato de fornecimento de gás por um período de vinte anos em 1999. O Gasbol representa uma das mais importantes obras de infraestrutura energética na América do Sul, simbolizando

a integração energética entre Brasil e Bolívia. O Gasbol é operado pela Transportadora Brasileira Gasoduto Bolívia-Brasil (TBG), cuja composição acionária inclui a Petrobras (51%), a BBPP (29%), a YPFB (12%) e a GTB-TBG Holding (8%).

O acordo do Gasbol estabeleceu uma relação de interdependência econômica, permitindo ao Brasil diversificar suas fontes de energia, e à Bolívia ampliar sua receita de exportação. As remessas bolivianas representaram, na primeira metade da década de 2000, cerca de 50% do gás natural consumido no Brasil.

Os ganhos financeiros para a Bolívia se tornaram expressivos a partir de 2006, quando o presidente Evo Morales, do Movimento ao Socialismo (MAS), efetuou importantes alterações na legislação boliviana sobre os hidrocarbonetos.

Juros futuros avançam dez pontos-base

A curva de juros voltou a abrir nesta quinta-feira, com as taxas longas subindo cerca de 10 pontos, principalmente após relatório da Fitch Ratings destacar que o "forte crescimento" da economia brasileira não reduz a incerteza fiscal.

A ponta curta, por sua vez, seguiu o comportamento das Treasuries e também considerou que o Relatório Trimestral de Inflação (RTI) do Banco Central projetou o IPCA para

o 2º trimestre de 2026 de 3,5%, sinalizando que o Comitê de Política Monetária (Copom) potencialmente será mais agressivo no aperto monetário. Pela precificação na curva de juros, a Selic deve ficar em 12,50% em março de 2025 e em 12,50% em março de 2026.

A taxa do contrato de depósito interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 subiu a 12,200%, de 12,086% no ajuste anterior. O DI para janeiro

de 2027 avançou a 12,245%, de 12,111%, e o vencimento para janeiro de 2029 saltou a 12,33%, ante 12,23%.

A Fitch Ratings disse, em relatório divulgado por volta das 15h do horário de Brasília, que apesar do "forte crescimento" da economia brasileira, o desempenho fiscal está abaixo das projeções originais do orçamento de 2024, e que a atividade econômica aquecida "pode resultar em parte da po-

sição fiscal frouxa".

Na avaliação de Luciano Rostagno, estrategista-chefe e sócio da EPS Investimentos, "o relatório da Fitch sugere que com o fiscal atual dificilmente o país verá uma elevação da nota de crédito nos próximos anos".

Ele complementa que, "como não há sinais de disposição do governo de mudar a rota, a notícia acabou favorecendo um aumento no prêmio de risco".